

## DEPOIMENTO DE CIPRIANA DA CRUZ RODRIGUES À COMISSÃO DA VERDADE EM MINAS GERAIS

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: A senhora vai falar o nome completo

CIPRIANA: Eu me chamo Cipriana da Cruz Rodrigues sou viúva daquele assassinato que teve lá em 85 [sic], estou com 73 anos mas esse tempo todo eu passei com minha família tentando viver da melhor forma possível, não era fácil porque nesse tempo a gente tinha muita dificuldade de adquirir as coisas a gente vivia com muita pouca roupa muito pouco alimento, os meninos passavam frio a gente tentava ficar sem dormir pra colocar, mas mesmo assim a gente passava muita dificuldade, mas aí enquanto era só dificuldade da família do bem estar da gente estava bom, mas depois que a gente chegou lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Lá a onde, onde era?

CIPRIANA : Lá na fazenda Riacho dos Cavalos com o título **Mandiocal** lá onde a gente morava, é uma terra muito produtiva.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Município?

CIPRIANA : Município de Bonfinópolis.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Bonfinópolis.

CIPRIANA : Isso, acho que agora é de Natal, me parece mas é Bonfinópolis até então, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: E o marido da senhora? nome completo dele.

CIPRIANA : Ata, aí casei com Julho Rodrigues Miranda

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Como, Junior ?

CIPRIANA : Julho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Ah sim Julho.

CIPRIANA : Vivia naquela luta de criar os filhos, a gente não sabia o que era sentar um pouquinho pra discutir as coisas porque a gente não tinha tempo ou a gente não era preparado pra fazer esse tipo de coisa, aí vivia aquela muamba o tempo todo,

preocupado com a cara ruim sem saber o que fazer aquele tanto de preocupação aí deixava um pouco relaxado [sic], mas veio 8 filhos graças a Deus estão todos vivos, meu marido era tão gente boa tão cuidadoso com os filhos, mas ele estava com uns 44 anos e estava parecendo já um senhor de idade, uns 60 anos pra mais devido a preocupação que a gente vivia a dificuldade as ameaças , aí de 7...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Ameaças tinha alguém que ameaçava?

CIPRIANA : Os fazendeiros, era José Boaventura Moreira Magalhães e Edmundo Moreira Magalhães e eles três irmãos, mas acho que houve um desentendimento e ficou só com dois, e o outro foi embora e esses dois grilarão nossa terra lá [sic], porque eu sou... Meus dois avos paterno e materno todos dois tinham direito lá e a gente estava (trecho incompreensível) esse direito que a gente tinha que quando a gente entrou a gente não entrou sem informação nenhuma não, meus irmãos procurou gerente da fazenda e querendo um lugar de agasalhar a família pra criar os filhos, mas aí o gerente disse assim: “Olha desde que vocês não encomendem ninguém que já tá vocês podem assentar onde vocês quiser.” [sic] , aí a gente entrou assim e pensou que ia só com nós mesmo [sic], né, mas aí quando estava com 9 anos que a gente morava lá trabalhando muito, já estava colhendo muita fartura aquele, tinha um monte de serviço, mas como a gente entrou só com a cara e a coragem era foice machado de facão, aquele que tinham uma produção( trecho incompreensível) era pequena invista do que o que podia produzir lá porque a terra é muito boa a água muito boa [sic], mas a gente foi ficando imprensado com esse negocio dos fazendeiros terem entrado a 9 anos entraram e queria apertar nós [sic] né, querendo, querendo não, ameaçando já (trecho incompreensível) era na sorte mesmo não tinha ajuda nenhuma, eles não ofereciam pra gente ajuda nenhuma se a gente procurasse eles mudavam de assunto e a gente foi ficando, quando estava na base de uns 10 anos a gente começou a ganhar um pouco de consciência do que a gente precisava, porque eu não sei mais quando a gente fundou o sindicato, foi em 81, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Que sindicato que é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Foi 81.

CIPRIANA: Sindicato dos trabalhadores rurais de Unaí, aí o sindicato começou a orientar a gente, minha filha já estava no sindicato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Qual é o nome completo da filha senhora?

CIPRIANA : Maria Aparecida Rodrigues Miranda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Ela era presidente do sindicato?

CIPRIANA : Isso, ela era presidente do sindicato bem novinha ainda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Quantos anos ela tinha?

CIPRIANA : Ela estava entorno de 16 anos 18 anos, ela foi professora lá com 13 anos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Ela era professora da escola dela?

CIPRIANA: Da escola comum, era escola publica, mas foi quem deu início lá ajudou a criançada [*sic*] que tinha lá, era uns meninos da comunidade mesmo, era uns meninos que aprendia muito com os professores que tinha lá que entrou, primeiro a minha filha depois entrou outros, os meninos tinha uma facilidade muito grande de chegar nas outras escolas públicas e passar muito bem de ano, estava indo assim muito bem, mas quando entrou esses homens (trecho incompreensível) começou a atrapalhar nossa vida a gente foi ficando atrapalhado [*sic*], preocupado, apertado a gente contava com as nossas forças, o que colhia tinha que reparti com eles, o que sobrava para nós criar nossos filhos é, tinha um vizinho lá que eles preparou ele pra nós dedar [*sic*], era qualquer coisa que a gente fizesse ele corria e contava, e aí eles já deixou ele como espião e...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: A senhora lembra o nome dele?

CIPRIANA: Lembro, é Jonas não sei se é Ferreira de Jesus, eu não tenho muita certeza não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Isso que ano que era mais ou menos, a senhora lembra?

CIPRIANA: Isso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Já tinha 10 anos se passado lá?

CIPRIANA: É, de 71 pra cá foi só aumentando, só aumentando de jeito que a gente viveu lá 17 anos só de pressão [sic], a gente dormia no mato com os menino sem agasalho nenhum passava frio passava muito medo, pernilongo acabando com a gente nas moita né, com os meninos e a gente foi ficando muito (trecho incompreensível) quando eles chegaram a ameaçar que ia fazer alguma coisa mesmo a gente (trecho incompreensível) ninguém dormia direito mais ninguém comia direito a nossa condição já era ruim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: E quem ameaçava, era só notícia ou tinha alguém assim que ameaçava? A senhora lembra o nome de alguém?

CIPRIANA: Pois é o Jonas era um tinha os carreiro que vinha buscar nossa produto o mantimento que a gente colhia aí eles vinham pegava e passavam a cerca inteira carreando do lado de lá milho, feijão, arroz e passando as informações e informando a nós, era de pirraça mesmo era pra ameaçar a gente para (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: A senhora lembra o nome de algum deles, desse empregados da fazendo?

CIPRIANA: Eu lembro, tinha o Manuel (trecho incompreensível) que era um jovem dessa época, tinha o Carlinho, que chamava de Carlinho, tinha o Lívio que era Olívio que era um dos empregados de lá, não sei, esse assim eles tinha uma mania de... como a gente era muito pobre e passava muita falta eles tinha mania de passar pelo fundo das casas da gente lá em **Ada Puriri** [sic], comer requeijão com doce, queijo com rapadura lá na frente porque eles sabiam que nada ia ficar muito incentivado e ia arranjar, né, então e essas coisas assim torturava a gente de muitas formas, inclusive nossa família já estava muito grande e as casas muito ruim e eu peguei e atormentava o meu marido para nós fazer uma casinha melhor, olha a gente queria sonhava com uma casa do cimento vermelho e pra mim se fosse uma casa de cimento a gente já estava bem e nós ficamos nessa luta e resolveu fazer uma casa melhor [sic], não ia ser boa não porque as condições não dava, mas

mandou tirar uma (trecho incompreensível) e aí ele juntou com meu irmão que era cunhado dele e meu filho que era o mais velho, já estava grande rapazinho, fizeram tiraram madeira lá no... madeira verde, né, porque não tinha condição e estava fazendo a casa, já tinha fincado (trecho incompreensível) quando os dois, Julho mais o Zé, filho dele, chegou do mato com um pau grande lavrado no ombro, no ombro dos dois assim e aí os fazendeiro tinha mandado lá para arrancar nossa casa e ameaçar né, aí veio os fazendeiro com cara de jagunço que era os empregado deles, dois pé de boi e os (trecho incompreensível) preparado [sic], eles estavam armados, mas tinha um que molhou um cabresto (trecho incompreensível) amarrou na cintura e disse que não era pra ninguém abrisse a boca, se falasse alguma coisa apanhava, aí era esse que era o Edimundo, aí mandou cavar os pés dos esteio, arrancou (trecho incompreensível) para arrastar, e bagaceira assim, aí...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Que ano que aconteceu isso?

CIPRIANA: Isso foi em, perá [sic], acho que em 83 estou meio esquecida mais acho que foi em 83 [sic], aí essa hora..

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Esses jagunços foram junto com os fazendeiros?

CIPRIANA: Junto com o fazendeiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O fazendeiro que comandou a derrubada da casa?

CIPRIANA: Sim, mandando os jagunço arrancando os esteio botando os boi pra arrastar e o Edimundo com uma vara na mão e andando em volta, né, e comandando, e minha filha disse assim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Qual o nome da filha da senhora?

CIPRIANA: Maria Aparecida, aí disse assim: Quem é o próximo do senhor?”, “Eu que lhe pergunto.”, aí a resposta foi essa, aí arrancaram a casa **estrafegou** tudo, e eles foi dando saída e nós foi voltando lá pra casa [sic], era perto aí meu marido foi descendo tão agoniado abriu a boca e chorou igual criança, descendo pra lá e chorando, ah isso doeu muito, doeu muito, ele era um homem tão calado, tão

obediente, trabalhava tanto sem reclamar nada naquela dificuldade toda e ele não reclamava, estava recebendo aquilo na carne, ele estava diminuindo virando velho todo desfeito por causa da situação, e daí pra cá a gente foi ficando na parte de cá cada vez mais coagido, nós pedia pra nós fazer roça um jogava pro outro [sic], “Ah fala com fulano ele que e quem vai mandar isso.”, aí quando a gente ia falar com outro falava: “A fala com ciclano ele quem vai comandar isso pros cês.” [sic], aí nós cansou de procurar ele e não dava assunto certo aí a gente foi meteu a foice no mato, não roçou muito porque a gente era pequeno e tinha pouca força nós roçou, nós roçava uma rocinha de tamanho (trecho incompreensível) e era homens e mulheres, os homens iam na frente e faziam a roça na hora que colocava fogo as mulheres iam pra juntar garrancho chegava as planta ia ajudar plantar os homens covando e a gente atrás plantando e assim [sic], nós éramos 11 famílias e coitadinha das mulheres viviam com aqueles barrigão o tempo todo, os meus filhos eram de 2 em 2 anos as outras também era e era na roça em casa socando pra poder cozinhar, ia pra roça ajudava plantar até mais tarde, voltava e ia fazer mais comida voltava, nós fazíamos três comidas por dia aí pra resto não estava chegando inventando mato tremer que tinha que comer depois da merenda porque estava todo mundo tremendo [sic], naquilo via cabloco tremer os braço, os braço tremendo de fraco bater ferramenta pesada e a gente mulher nós ia ajudar na roça enquanto estava mais ou menos e depois ia pra casa fazer de novo e trazer, era a mesma coisa de um formigueiro não podia quieta porque se não o bicho pegava né não tinha como oferecer pros filhos nem o que a gente deu conta de dá que era a comida fraca assim, digo não tinha condição de comprar nada, dinheiro? Dinheiro a gente não podia nem pensar era muito difícil e foi assim que até chegou um dia lá que o fazendeiro ameaçou antes aí a gente ficou sabendo que ele (trecho incompreensível) fazer alguma coisa

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Qual fazendeiro? O Edimundo?

CIPRIANA: **Zé Boaventura** os dois irmãos que ficou contra lá foi esses dois o **José Boaventura** e Edmundo Moreira Magalhães e aí eles mandaram falar, né, que ia



persegui nós e deu no dia que os jovens, era bastante jovem meninas e meninas, era bastante deu um dia cada grupo foi pra uma reunião de jovem, um encontro de jovem uns foi para Bonfinópolis outros foram pra Unaí e ficamos só umas poucas pessoas na área, e lá é difícil, lá é um buraco assim e vai descendo até, e aí uma das meninas e foi lá e falou comigo assim, eu mais uma: “Oh pai, (trecho incompreensível) chegou, que eu ouvi um barulhão ali na ponte.”, e aí nosso (trecho incompreensível) tinha passado esses dias com febre e não tinha nem comido direito ainda, tava... aí... agora não teve mais tempo, aí foi saindo e cedo eu tinha ido lá, ele estava *[sic]*.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Lá a onde?

CIPRIANA: Lá em cima onde foi o assassinato

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Mas era a onde?

CIPRIANA: Era na casa do no meu irmão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Na casa do irmão, que nome?

CIPRIANA: Isso, era cheio de filho, **Sabino da Silva Oliveira**.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Mas onde é exatamente a região?

CIPRIANA: Região de Natalândia é mais dentro do vão, mas é ali na região de Natalândia que hoje é município, aí meu irmão tinha cansado de lutar com a filharada que tinha e mudou *[sic]*, mas as coisas não mudou ele ficou apertado porque a gente tinha ficado aí ele voltou, assim que ele voltou o vizinho avisou, né, o fazendeiro e ele desceu lá esse dia preparado pra fazer o que eu pedi, nessa hora que a menina falou pra nós que ele tinha chegado ela falou e ficou de butuca, né, aí ele foi saindo e eu falei me espera que eu vou também, aí eu estava de vagar, eu e ele, ele tinha ido (trecho incompreensível) uma garrafa de leite para a cunhada dele estava tomando remédio e voltou e fraco que ele tinha passado a noite de quinta até sábado com febre, aí sábado cedo ele levantou, e foi chegando a menina falou e nós subimos, chegou lá na porteira estava meu irmão saindo com uma menina pequena e minha cunhada que é casada com o outro meu irmão com outra menina pequena estava os dois com a menininha e eu mais Julho chegou e estava o fazendeiro e

dois jagunço lá beirando a cerca, né, a porteira [sic], e nós foi chegando e ele falou: “Então é você né?”...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: O nome do fazendeiro e os jagunços que estavam com ele.

CIPRIANA: O nome do fazendeiro é José Boaventura e o nome dos jagunços um era João irmão do Jonas, Jonas Francisco de Jesus e o outro era, agora o outro eu até esqueci quem era, não sei se é, eu esqueci quem era só sei que era dois, e eles estavam preparados ali e aí nós chegamos e o homem passou a palavra pra nós: “Inclusive vocês aí que chegou, tem uma filha que está no sindicato né.”, aí eu respondi logo: “Isso não interessa, nós formos aqui.”, aí só falei assim aí eles começaram passou por nós junto e não falou nada aí eles foi conversando e perguntando as coisas já pra mim [sic], porque eu sou atrevida né, foi perguntando as coisas, eu vou voltar atrás que tem um detalhe porque que sou atrevida, porque quando a gente estava trabalhando lá colhendo arroz ia sobrava botava no saco pra sacaria nova e pôs o arroz costurou e guardou lá pra que eles vinhesse buscar [sic], quando eles buscou, veio buscar trouxe um monte de saco rasgado, pra levar os novo e deixar os rasgado pra nós, e eu fiquei muito pé da vida [sic], porque onde já se viu, estava com um barrigão danado nervosa que só eu falei com ele assim, o gerente chegou tinha um montinho de feijão assim no canto da casa que meu marido tinha colhido pra começar a safra, botou um montinho de feijão, olhava para o feijão fazia gosto bom [sic], aí o cara enfiou o mãozão dele dentro do feijão e peneirou na mão: “Eh Cipriana, Julho já está querendo saco?” e eu com uma raiva danada falei: “Julho que saco do senhor não.”, falou: “Não que por quê?”, eu falei porque nós estamos cansados de arrumar o mantimento pra vocês e o saco novo, vocês trazem esse monte de trapo pra nós e não faz mais nada pra nós.”, falou: “O Cipriana eu vou...”, falei: “Oh fazendeiro vem cá, manda vim porque até hoje a gente não conhece cara de fazendeiro, tempo todo mandando e nós nem sabe quem é.” [sic], ah no outro dia ele chegou e foi chegando José Boaventura era um cara gordo, bicho vermelho, gordo, montado num cavalo, muito bem ajuntado, chegou e estalou



o laço de uma só vez e falou: “Eu sou o dono de tudo isso aqui.”, eu falei: “Você não é dono do mundo não.” [sic], eu falei logo assim porque eu já estava encharcada de sofrer abuso e eles que ia (trecho incompreensível), ele chegou tão verdadeiro, não passava necessidade e ainda era dono disso tudo lá, porque a gente já estava lá quando ele chegou e aí eu fui atrevida, mas eu não nego não, aí volto lá no outro assunto que era quando ele chegou lá na porteira, nós chegamos e eles estava falando assim com o **Samir**: “Inclusive esse cachorro velho aí, saiu chegou e não falou nada com a gente.”, sai caladinho de cabeça baixa e os menininho olhando caladinho assim, foi chegando e passou a palavra pra mim aí eu comecei, aí ele disse assim: “Pois é inclusive você que tem sua filha no sindicato.” [sic], né aí eu falei: “Isso não interessa, e seu irmão velho aquele careca eu quero ele aqui também.”, aí não demorou nada ele perguntou, aí eu falei do gado que estava na roça que como que a gente ia fazer pra tratar dos nossos filho, que era muitos filho e era que a roça que tinha o mantimento que cuidava dos nossos filhos [sic], ele disse assim: “Esse ano eu vou mudar tudo pra vocês, vou colocar vocês tudo de baixo da terra tá aí o cemitério.”, aí eu falei: “Mesmo que o senhor matar o senhor não mata tudo e os que ficar vai ficar em cima da terra precisando é melhor pensar direito, porque de cima da terra ninguém vai sair né, vai precisar de recurso.”, aí ele falou: “Ah tá vocês quer morrer?” [sic], aí começou eu vi a hora que ele foi abrir a boca da bolsa assim pra tirar o revólver ficou tremendo nervoso, tirou o revólver e ainda viu o revólver brilhou assim e eu escutei o primeiro estalo pegou no meu marido no queixo e ele só torceu assim e ia cair e eu estava do lado e fora quando vi que ele ia atirar eu fui passar pra dentro e ele deu o primeiro pipoco no queixo de meu marido e o segundo em mim, aí o terceiro foi (trecho incompreensível) o segundo foi em mim aí eu bati no chão assim foi um baque eu não aguentei ficar em pé [sic], eu estava com um (trecho incompreensível) enrolado na mão eu enfiei debaixo da cerca e arrastando mesmo porque eu já tinha tomado tiro e fui e peguei meu marido, porque não tinha acabado de cair aí quando eles deram mais o terceiro tiro aí pegou no braço assim e no coração assim, aí ele caiu no meus braço aí eu acabei de receber

ele assim, oh tristeza aí eu olhei bem assim e o olho cheio de água aí eu falei assim: “Oh acabou meu casamento.”, nessa hora eu nem lembrei que eu estava baleada também só lembrei daqueles tiros que pegou nele que (trecho incompreensível) que estava doendo, em mim estava doendo mais, aí eu recebi ele acabou de respirar em meus braços aí como não tinha outro jeito encostei ele lá no chão assim e fui saindo, levantei tentei pra vê se estava com o espinhaço quebrado aí não estava dei conta de levantar e fui *[sic]*, tomei o tiro desceu uma coisa fria assim na espinha pra baixo, eu passei a mão com dor pelejando aí sujou de sangue, não doeu nada do deu aquele baque eu cai e passei a mão assim era o sangue caindo aí eu levantei e fui em direção da casa do meu irmão era pertinho era um terreiro assim olhei pra lá e não vi mais ninguém só tinha a sogra dele, eu pedi água desespero eu não sabia o que fazer e pedi água eu não estava com sede não aí ela vinha com uma bilinha de água tremendo derramando a água tudo e eu só olhei pra essa água e fui voltando porque não tinha mais ninguém *[sic]*.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Um detalhe importante, quando ele atirou no Julho ele estava do lado dele da cerca?

CIPRIANA: Julho estava do lado de dentro e eu ainda não tinha passado, ele tinha passado e eu ia passar mas ele foi muito rápido ele pegou ele do lado de dentro já e quando eu enfiei pra passar de baixo da cerca ele atirou ne mim *[sic]*.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Pelas costas?

CIPRIANA: Sim pelas costas.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Dona Cipriana a senhora pode repetir quem que foi o autor dos tiros?

CIPRIANA: Posso, José Boaventura Moreira Magalhães.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: De todos os tiros?

CIPRIANA: De todos os tiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Tanto na senhora e no senhor Julho.

CIPRIANA: É, o primeiro nele segundo em mim e o terceiro nele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 3: Nele de novo.

CIPRIANA: Ele descarregou o revólver nessa hora com todas as três balas que sobrou pra nós e o cavalo dele saiu endoidando por causa dos tiros e assustou saiu tentando me derrubar no fundo assim e aí, nisso eu nem escutei mais porque eu esqueci que tinha alguém ali envolvi comigo mais Julho ali *[sic]*.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: A senhora tinha alguma coisa na mão?

CIPRIANA: O jornal **Telejão**.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: O marido da senhora também?

CIPRIANA: O meu marido não tinha nada na mão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 2: Nada na mão.

CIPRIANA: Nada. Aí na hora que eles perguntou se queria morrer, eu estava muito atrevida aí falei assim: “Se for pra salvar os outros eu quero.”, meu marido só falou assim: “Quero.” já com a voz tão roca, tão detonada de susto de medo aí o fazendeiro nessa hora mesmo ele aproveitou a danura do cavalo que já estava querendo (trecho incompreensível) ele por causa dos tiros, e diz.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Então ele estava montado no cavalo?

CIPRIANA: Estava, era a cavalo

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO 1: Os três?

CIPRIANA: Os três, e ele disse assim, nessa hora eu não ouvi eu ouvi falar que ele falou: “Eu vou matar essa velhinha porque ela me atenta muito.” aí o João era casado com a menina que meu irmão criou então ela...